



A atuação do imigrante e comerciante francês Antonio Voulet no Paraná: empreendedorismo imigrante, redes de sociabilidades e convertibilidade de capitais

The Role of the French Immigrant and Merchant Antonio Voulet in Paraná: immigrant Entrepreneurship, Networks of Sociability, and Capital Convertibility

La actuación del inmigrante y comerciante francés Antonio Voulet en Paraná: emprendimiento inmigrante, redes de sociabilidad y convertibilidad de capitales

Antonio Roberto de Oliveira¹

 [0009-0007-8376-3239](https://orcid.org/0009-0007-8376-3239)

Méri Frotscher²

 [0000-0003-0172-4126](https://orcid.org/0000-0003-0172-4126)

Resumo: O artigo investiga a atuação da pequena burguesia comercial de imigrantes franceses em Curitiba no final do século XIX, com foco em Antonio Voulet, dono de um renomado restaurante. A partir de periódicos da época, analisa sua presença na esfera pública, os serviços oferecidos e suas redes de sociabilidade. Com base em Bourdieu, discute como imigrantes franceses utilizaram capital econômico, social e cultural para impulsionar a gastronomia e hotelaria. Além disso, destaca a importância da imprensa na compreensão das dinâmicas dos imigrantes urbanos no Paraná, contribuindo para os estudos sobre imigração francesa no Brasil.

Palavras-chave: Imigração Francesa. Paraná. Burguesia Comercial. Empreendedorismo Imigrante. Redes de Sociabilidades. Convertibilidade de Capitais.

Abstract: The article investigates the role of the small commercial bourgeoisie of French immigrants in Curitiba in the late 19th century, focusing on Antonio Voulet, owner of a renowned restaurant. Based on periodicals from the time, it analyzes his presence in the public sphere, the services offered, and his social networks. Drawing on Bourdieu, it discusses how French immigrants leveraged economic, social, and cultural capital to boost the gastronomy and hospitality sectors. Additionally, it highlights the importance of the press in understanding the dynamics of urban immigrants in Paraná, contributing to studies on French immigration in Brazil.

Keywords: French Immigration. Paraná. Commercial Bourgeoisie. Immigrant Entrepreneurship. Social Networks. Capital Convertibility.

Resumen: El artículo investiga el papel de la pequeña burguesía comercial de inmigrantes franceses en Curitiba a finales del siglo XIX, centrándose en Antonio Voulet, dueño de un reconocido restaurante. Basado en periódicos de la época, analiza su presencia en la esfera pública, los servicios ofrecidos y sus redes de sociabilidad. A partir de Bourdieu, discute cómo los inmigrantes franceses utilizaron el capital económico, social y cultural para impulsar la gastronomía y la hotelería. Además, destaca la importancia de la prensa para comprender la dinámica de los inmigrantes urbanos en Paraná, contribuyendo a los estudios sobre la inmigración francesa en Brasil.

Palabras-Clave: Inmigración Francesa. Paraná. Burguesía Comercial. Emprendimiento Inmigrante. Redes De Sociabilidad. Convertibilidad de Capitales.

¹ Mestre em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, *Campus Irati*. *Lattes:* [9645491069714746](https://lattes.cnpq.br/9645491069714746) - *E-mail:* aro17apr@gmail.com

² Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Professora Associada do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, *Campus Irati*. *Lattes:* [6119252241515525](https://lattes.cnpq.br/6119252241515525) - *E-mail:* merikramer@unicentro.br



Introdução

O presente artigo tem como tema a presença de uma burguesia comercial formada por imigrantes franceses na capital paranaense, Curitiba, e ao longo da Estrada de Ferro do Paraná, entre a última década do século XIX e a primeira do século XX e sua atuação no ramo da gastronomia e hotelaria. Nossa atenção se volta aos franceses nesses estabelecimentos comerciais e para a sua participação em associações destinadas a práticas de sociabilidade em Curitiba.

O fio condutor do artigo é a atuação comercial do imigrante francês Antonio Voulet, proprietário de renomado restaurante em Curitiba, com base em anúncios e notícias publicadas em periódicos da esfera pública da cidade. Seu nome se destacou em pesquisa do primeiro autor deste estudo, sobre imigrantes franceses instalados no Paraná no final do século XIX, cujas trajetórias no Brasil estiveram economicamente ligadas à Estrada de Ferro do Paraná (Oliveira, 2024). Naquela ocasião, o estudo abrangeu as famílias Voulet-Dubois, Cassou-Bruel e Cassou, que desenvolveram empreendimentos comerciais de natureza semelhante (hotéis/restaurantes) junto às estações daquela linha férrea. Enquanto a família Voulet-Dubois operava na Estação Serrinha, a família Cassou atuava na Estação Restinga Secca. E nos arredores da Estação Tamanduá, situada entre aquelas duas estações, residia a família Cassou- Bruel, constituída a partir do casamento de um imigrante francês, funcionário da estrada de ferro, e sua esposa nascida no Brasil, filha de pais também franceses.

Neste artigo detalha-se a atuação profissional de Antonie Bertrand Voulet, nascido em 22 de fevereiro de 1856, na cidade de Avignon, no Sul da França, o qual teve maior destaque no ramo da hotelaria e gastronomia entre aquelas famílias. O estudo de sua trajetória nos permite desenvolver a hipótese de como a associação entre a sua origem francesa, a sua especialidade (gastronomia), a ideia de refinamento da gastronomia e da cultura francesas, entre outros elementos a serem desenvolvidos, favoreceu sua trajetória profissional nesse ramo no Paraná. Voulet havia atuado profissionalmente na França como cozinheiro em Vedène, departamento de Vaucluse. Primeiramente, ele emigrou para a Argentina e trabalhou na ferrovia de Santa Fé, contudo, infelizmente, não temos registros em que período. Posteriormente, ele migrou novamente, desta vez para o Brasil. No Paraná, há muitas evidências na imprensa sobre sua vida profissional e social em Curitiba e onde hoje se situa o



município de Balsa Nova-PR, onde também se destacou na gastronomia e hotelaria (Voulet, 1876).

Este artigo propõe a perscrutar a presença de imigrantes franceses no espaço urbano da capital paranaense, espaço onde esses sujeitos desempenharam papéis econômicos, sociais, culturais e políticos que contribuíram significativamente para o desenvolvimento seja do comércio e da vida urbana, como também das formas e espaços de sociabilidades. Mais especificamente, o artigo discute a aparição desse proprietário e profissional do ramo da gastronomia e hotelaria na esfera pública, os serviços e produtos oferecidos e as redes de sociabilidades que estabeleceu com outros imigrantes e não imigrantes. O artigo visa, sobretudo, perceber a importância das redes de sociabilidades, das conexões transnacionais com o país de origem, assim como do “capital social” (Bourdieu, 1980;³ 2001) e do “capital de mobilidade” (Truzzi & Sacomano Neto, 2014), no desenvolvimento de atividades comerciais e associativas de imigrantes como Antonio Voulet.

No presente trabalho adotamos a noção de “capital social” desenvolvida pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1980), o qual se concentrou em três aspectos: os seus elementos constitutivos, os benefícios obtidos pelos indivíduos mediante sua participação em grupos ou redes sociais e as formas de reprodução desse tipo de capital. Os dois elementos que constituem o capital social são as redes de relações sociais que permitem aos indivíduos ter acesso aos recursos dos membros do grupo ou da rede, e a quantidade e a qualidade de recursos do grupo.

Bourdieu (2001, p. 67) define o capital social como a agregação de recursos atuais ou potenciais que têm ligação estreita com uma rede durável de relações institucionalizadas de reconhecimento e de reconhecimento mútuo. As relações estabelecidas entre os indivíduos pertencentes a um determinado grupo não advêm apenas do compartilhamento de relações objetivas ou do mesmo espaço econômico e social, mas se fundem, também, nas trocas materiais e simbólicas, cuja instauração e perpetuação supõem o reconhecimento dessa proximidade. São as redes sociais que dão ao indivíduo o sentimento de pertencimento a um determinado grupo.

³ O trabalho de P. Bourdieu, *Le capital social: notes provisoires* foi originalmente publicado na revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, v. 31, ns. 2-3, 1980. Uma tradução para o português foi publicada em Nogueira & Catani (2001, p. 67-69).

A noção de “capital de mobilidade”, desenvolvida por Márcio de Oliveira & Fernando de Kulaitis (2017, p. 42) com base na Teoria dos Capitais de Bourdieu⁴, que diz respeito a um conjunto de bens que se apresenta sob a forma de conhecimentos migratórios, ajuda a entender a trajetória profissional de Voulet. Com base nessa noção, é possível explorar estratégias de ocupação de espaços sociais e econômicos por parte desse imigrante, proprietário e membro da então chamada “colônia francesa” de Curitiba. A associação entre o capital material e o capital social favoreceu a Voulet se estabelecer enquanto proprietário em seu ramo comercial na capital paranaense e, depois, no interior do estado.

Podemos afirmar que a produção bibliográfica sobre imigrantes franceses no Brasil e no Paraná, até o momento, ainda é relativamente pequena. No ano de 2009, por ocasião da celebração do evento “Ano da França no Brasil”, foi lançado o livro *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*, organizado por Laurent Vidal & Tânia Regina de Luca. O livro se propunha a estimular um campo de pesquisas que propiciasse um conhecimento maior sobre realidades vividas por imigrantes franceses no Brasil, em meio à carência ou mesmo inexistência de estudos que tratassem da imigração francesa e do cotidiano desses imigrantes no país. Os autores então observaram a maior quantidade de trabalhos publicados sobre imigrantes provenientes de outros países, como Itália e Alemanha (Vidal & Luca, 2009).

A presença de imigrantes franceses no Paraná foi tematizada por Romário Martins em seu livro *História do Paraná*. Ele localiza franceses ao se referir à composição dos habitantes de “pequenos núcleos de outras etnias” existentes antes da fundação da província do Paraná: no núcleo de Ivaí (Terezina), onde se estabeleceram franceses em 1847, e no núcleo de Guaraqueçaba (Superagui), onde se estabeleceram suíços e alguns alemães e franceses em 1852. Em relação ao século XIX, o autor acrescenta que imigrantes franceses podiam ser localizados em Cândido de Abreu, na colônia Thereza Cristina, fundada em 1847 pelo

⁴ Bourdieu distingue quatro tipos distintos de capital: o capital material, social, cultural e simbólico. O capital material deve ser entendido no sentido da teoria do capital clássica de Ricardo e Marx. Capital social são as redes sociais úteis colocadas à disposição de uma pessoa, graças ao nascimento numa determinada família, graças a uma herança, graças ao prestígio profissional. Capital cultural é entendido, no geral, como a posse de educação, saber e gosto, que pode ser internalizado através da afiliação a grêmios de elite. Capital simbólico é todo o respeito e crédito em estima social legítima. Este capital não é usado como um poder direto, muito mais enquanto uma reivindicação legítima de disposição à obediência. O capital simbólico pode se basear em todos os demais capitais na mobilização de ajuda, na produção de respeito e dependência. Bourdieu aponta ainda para a possibilidade de convertibilidade desses capitais.



médico francês Dr. João Mauricio Faivre, em Guaraqueçaba, em Assungui e em Curitiba (Martins, 1995, p. 350-356).

Na obra comemorativa *Os Franceses no Paraná* (2009), também publicado no “Ano da França no Brasil”, as autoras Maria Thereza Brito de Lacerda, bibliotecária e memorialista, e Maí Nascimento Mendonça, jornalista, afirmam que apesar do grande volume de trabalhos dedicados à imigração no estado, poucos se debruçam sobre a imigração francesa (Mendonça & Lacerda, 2009). As autoras realizaram um levantamento sobre a presença de franceses no Paraná, a partir da perspectiva de destacar a “contribuição” desse grupo nacional para o estado, comum a esse tipo de publicação comemorativa. A frase do apresentador, José Munir Nasser, Presidente da Aliança Francesa de Curitiba, não somente reforça essa ideia, como ainda conecta o tema da imigração francesa à formação do que chama de “paranidade”: “Sem imigrarem para cá em grande número, os franceses ajudaram a formatar nossa “paranidade” (Nasser, 2009, p. 16). Na obra encontram-se elementos sobre a atuação de franceses em diferentes campos, desde o século XVIII até a atualidade, como empresas francesas, com destaque, ao final, para algumas famílias.

A historiadora Ana Maria Rufino Gillies (2014, p. 89), no capítulo *Franceses nos acervos e na Historiografia Paranaense*, assim avalia aquela obra: “O livro faz um breve resgate dos esforços do Dr. Faivre para instalar colonos franceses no território paranaense, mas a ênfase da obra parece ter sido posta na presença dos franceses bem sucedidos, dos vencedores”. Em seu texto, Gillies trata da aparição de franceses no jornal *Dezenove de Dezembro*, em especial problemas envolvendo alguns imigrantes de língua francesa na colônia Assunguy em 1868, considerados “desordeiros” pelo diretor, Dr. Jules Parigot, e, assim, inadequados para o mundo do trabalho, e em documentos oficiais disponíveis no Arquivo Público do Paraná (correspondências e relatórios) da década de 1870. O objetivo da autora foi perceber as estratégias adotadas pelos imigrantes franceses para a garantia de sua sobrevivência. A autora demonstra a diversidade dentro desse grupo de imigrantes de língua francesa, a variedade de seus interesses, habilidades e ocupações (Gillies, 2014, p. 97).

Mais recentemente, no ano de 2018, Bárbara Letícia Chimentão defendeu dissertação de mestrado em História sobre a colônia argelina, fundada em 1868 na província do Paraná, onde hoje se localiza Curitiba. A colônia foi formada por famílias agricultoras que haviam deixado a França para viver como colonos na Argélia e que, posteriormente, remigraram para



a província do Paraná. Trata-se de referência sobre imigrantes franceses que se dedicaram à agricultura, tema pouco explorado ainda no que se refere à imigração francesa no Brasil. As principais fontes utilizadas para o estudo foram cartas e abaixo-assinados enviados pelos colonos argelinos ao governo provincial do Paraná e as respostas do governo a tais cartas, assim como relatórios oficiais, por meio das quais a autora tratou das diversas fases dessa demanda, explorando as maneiras com que esses sujeitos expressavam suas reivindicações junto ao governo, que se mostrava reticente a atender suas pretensões.

Para este artigo, partiu-se do pressuposto de que a imprensa abre uma janela privilegiada para se buscar elementos sobre a atuação social, cultural, econômica e política de imigrantes que buscaram se inserir em espaços urbanos. Em fins do século XIX, a imprensa cumpria papel fundamental no desenvolvimento do que Heloísa Cruz (1996) chamou de “cultura do reclame”, com a publicação de convites, notas e propagandas de estabelecimentos comerciais, produtos e serviços. Como destacou a autora em estudo sobre propaganda e periodismo na cidade de São Paulo entre 1890 e 1915: “Através da propaganda, a cidade-mercado penetra a imprensa periódica, denotando a crescente fruição de bens e serviços no espaço urbano” (Cruz, 1996, p. 90).

Os periódicos são fontes valiosas para a produção historiográfica, entre outras razões, por serem “arquivos do cotidiano” (Zicman, 1985, p. 90). Todavia, como aponta a historiadora Tânia Regina de Luca (2008), eles demandam uma metodologia crítica, por meio da qual se possa explorar suas potencialidades de forma controlada. Entre uma série de elementos a observar, estão, por exemplo, a identificação do grupo produtor do periódico e sua relação com a política editorial, o conteúdo e o público-alvo.

A pesquisa de conteúdo para este artigo foi realizada em periódicos publicados em Curitiba, mais especificamente: *A República*, *O Dia* e *Paraná Moderno*, disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. No sistema de busca foram utilizadas as palavras Estrada de Ferro do Paraná, os nomes de estações ferroviárias, de imigrantes franceses e de seus estabelecimentos comerciais, identificados previamente em leituras sobre a presença de franceses no Paraná no final do século XIX ou durante pesquisa para dissertação de mestrado (Oliveira, 2024).

O jornal *A República* foi fundado em 15 de março de 1886 como órgão do Clube Republicano e, à época, tinha por propósito, inicialmente, a propagação do ideal



antimonarquista. Esse periódico teve 44 anos de existência e seu último número foi publicado em 1930 (Pilloto, 1976, p. 31).

O jornal *Paraná Moderno*, fundado em 1910 por Jaime Reis e Romário Martins, possuía o mesmo perfil político de *A República*, do qual Romário Martins também foi editor. De acordo com o editorial do primeiro número de *Paraná Moderno*, ele se destinava a “divulgar as cousas do nosso Estado e a servir ao seu progresso [...]” (*Paraná Moderno*, 1910, n. 1, p. 1).

O jornal *O Dia*, fundado em 1º de julho de 1923, de propriedade de uma companhia editora, foi o primeiro jornal em Curitiba a instalar uma oficina própria. À época, se apresentou como órgão orientador da opinião, de acordo com Pilloto (1976, p. 49).

Segundo Renée Zicman (1985, p. 91), diferente da “imprensa de informação” que se desenvolveu após 1945/50, os jornais publicados anteriormente podem ser definidos como “imprensa de opinião”, com características claramente políticas e apaixonadas, ultrapassando a simples função de ‘espelho da realidade’ para tornar-se um instrumento ativo de opinião pública.

Nesses periódicos exploramos anúncios e notas relativas à atuação comercial de imigrantes franceses, buscando analisá-los criticamente, cotejando-os com outras fontes e referências. Nas primeiras incursões, destacou-se o nome de Antônio Voulet, em anúncios e notícias sobre hotelaria e gastronomia francesa em Curitiba e, depois no interior, sobre espaços de sociabilidades e datas comemorativas da “colônia francesa”. Por isso e devido à hipótese do trabalho, seu nome tornou-se o “[...] fio condutor de Ariadne que guia o investigador no labirinto documental” (Ginzburg & Poni, 1989, p. 174).

Atuação da burguesia comercial francesa em Curitiba

Segundo o livro *Os Franceses no Paraná* (Mendonça & Lacerda, 2009, p. 52-53), os imigrantes franceses desempenharam um papel de destaque no ramo da hotelaria em Curitiba no final do século XIX. No livro é citado o exemplo de Madame Constance Grile, administradora do Hotel Curitibano. De acordo com as autoras, em anúncio publicado no *Diário do Comércio* em fevereiro de 1870, Madame Constance convidava seus clientes a continuarem prestigiando o seu estabelecimento. E em dezembro do mesmo ano, já utilizando o nome aporuguesado, “Mme. Constança”, se anunciou a venda de seu café e bilhares no

Largo da Matriz, em razão de problemas de saúde. A atuação dela não se limitou ao Hotel Curitiba. Em 1872, ela reassumiu atividades no Hotel dos Estrangeiros Paranaenses, na Rua dos Alemães, até seu falecimento, em setembro daquele ano.

No mesmo livro destacam-se outros imigrantes franceses dedicados ao ramo hoteleiro, como Júlio Maria Carlos Pavot, proprietário do Hotel Cosmopolita, e Mme. L. Sauzier, que administrava o Hotel Francês, conhecido pela “cozinha magnífica” e preços acessíveis (Mendonça & Lacerda, 2009, p. 53). Também é mencionado o Hotel Franco-Brasileiro, dirigido pelos sócios Crotte e Robert, que anunciavam seus serviços em português e em francês. Para Wilson Martins (1955), autor citado na obra, a presença francesa na hotelaria em Curitiba reforçava a característica da “civilização francesa” em disseminar sua cultura e padrões de hospitalidade (Martins *apud* Mendonça & Lacerda, 2009, p. 53). As autoras destacaram como esses imigrantes moldaram e modernizaram o setor hoteleiro da capital paranaense, num contexto em que os ramos hoteleiro e gastronômico eram complementares entre si.

Na obra não é feita nenhuma referência a Antonio Voulet, o qual, entretanto, também aparece nos jornais curitibanos. Anúncio publicado no jornal *A República* de 1892 assim noticia a inauguração de seu estabelecimento comercial:

ABRIU-SE O RESTAURANTE INTERNACIONAL
Proprietário ANTONIO VOULET
Este novo estabelecimento fornece comida fria ou quente a toda hora; café, chocolate, chá etc; especialidade de bebidas finas.
Encarrega-se de fornecer e preparar almoço, jantares e ceias para baptisados, casamentos, jantares officiaes etc. etc.
O proprietario d'este novo estabelecimento que pelos conhecimentos culinarios e a longa pratica que n'este ramo de negocios julga possuir, garante, alem de so fornecer generos de primeira qualidade, o maior aceio, a maior ordem e moralidade em todos diversos servisos a seu cargo. RECEBE-SE PENCIONISTA 39---Rua 15 de Novembro---39 (sic)
1-30 (*A República*, 1892, n. 628, p. 3).⁵

Este anúncio foi reproduzido em várias edições do mesmo periódico no ano de 1892. Já no início percebe-se o vínculo estabelecido entre o estabelecimento e o proprietário e, no terceiro parágrafo, destaca-se as qualidades de Voulet, tanto por seu conhecimento profissional e experiência na prática culinária, quanto por sua idoneidade moral. O anúncio lhe confere credibilidade como garantidor da qualidade dos produtos que utilizava na

⁵ Optamos, no momento de apresentação das fontes, manter a grafia original.

culinária e ainda enfatiza a sua preocupação com o asseio, um indício das ideias higienistas que permeavam as preocupações da sociedade da época (Chalhoub, 1986). No fechamento do anúncio, percebe-se que não se tratava somente de um restaurante, mas também de uma pensão.

De acordo com Heloísa Cruz (1996, p. 87), na cidade de São Paulo, entre fins do século XIX e início do XX, “[...] a propaganda deixa progressivamente o espaço exclusivo das publicações ‘comerciais’ e articula-se à imprensa periódica de uma forma mais ampla”. Esse fenômeno deve ser observado no bojo da construção da sociedade de consumo em curso na época.

Por meio dos periódicos consultados, percebe-se que o Restaurante Internacional era um espaço de distinção social em Curitiba, tanto pela qualidade dos serviços e produtos oferecidos, quanto pelos eventos sociais realizados e o público que o frequentava, como é o caso do jantar oferecido por “distintos” italianos, servido em honra a um diplomata em setembro de 1872:

Conde Rozwadowski

A este illustre diplomata foi ante-houtem oferecido, por alguns distintos italianos, um magnifico jantar no restaurant Internacional de propriedade do sr. Antonio Voulet.

Este banquete contou com a presença dos Srs. Cônsul da Itália, dr. Brazilio Itibere, ministro do Brasil na Bolívia; Molinari Laurin, dr. Carlos Borrrome João Silva, Agente Consular da Itália, Rocha Pombo pelo Diário do Comércio, Cantaluppi pelo L'Italia, Antonio Carnosciali, dr. Giacomo Colli, Alceste Peterle, Peter Bruno, Fortunato Nicolare ou redactor desta folha.

O menu foi o seguinte:

Hors d'oeuvres

Saucissons, Radis, Beurre, Olives, Soupe Julienne.

Beignets de cervelle, Pailson a l'italienne, Poulet sauté aux champignons, Paté de crevettes, Galantine décorée, Choux Fleurs au fromage, Filet rôti, Salada.

Entremet

Gateau S. Honotré, Desserts assortis

Vins

Italien, Sauterne, Bordeaux, Pouillac, Champagne.

Ao espoucar do champagne foram trocados affectuosos brindes, sendo os dois ultimos erguidos pelos dois distintos diplomatas presentes. O do sr. dr. Brazilio Itiberê foi a Italia e aos seus soberanos, e o do dr. consul italiano ao Brazil e ao sr. marechal Floriano (*A Republica*, 1892, n. 770, p. 2).

A nomeação dos cargos de alguns dos “ilustres” presentes, entre brasileiros e estrangeiros, já configurava, por si só, uma estratégia de conferir distinção ao restaurante. E a publicação dos pratos e bebidas servidos, em língua francesa, também era uma forma de indicar a distinção social do estabelecimento, do seu proprietário e, também, dos clientes,



pois o acesso aos referidos produtos e serviços era algo reservado a pessoas pertencentes às elites sociais que tinham apreço pela culinária francesa.

O sociólogo Pierre Bourdieu (2008, p. 174), em seu livro *A distinção*, identificou entre representantes das classes dominantes três estruturas de consumo distribuídas em três itens principais: “[...] a alimentação, cultura e despesas com apresentação de si e com representação (vestuário, cuidados de beleza, artigos de higiene, pessoal de serviço)”. O consumo de vinhos franceses importados pelo restaurante Internacional fazia parte dos chamados “gostos de luxo (ou de liberdade)”, em contraposição aos “gostos de necessidade”, oposição que, segundo Bourdieu (2008, p. 168-174), é “o verdadeiro princípio das diferenças que se observam no campo do consumo”. Naquele restaurante, além de servir, Voulet também comercializava produtos importados da Europa, os quais, do ponto de vista simbólico, possuíam também o efeito de distinção social, como se observa no anúncio abaixo:

VINHO
Superior de Bordeaux
RESTAURANT INTERNACIONAL
Rua 15 de Novembro, N. 39
Antonio Voulet participa aos seus amigos e freguezes e publico en geral, que acaba de receber directamente de Bordeaux pelo vapor “Orox” uma partida de vinho de superior qual de que venderá em garrafas em duzia conforme a vontade dos consumidores. Pode garantir fornecer sempre o mesmo vinho em virtude de messas mensaes contractadas em Bordeaux. Recebeu egualmente grande variedade de vinhos e licores finos das mais afamadas marcas. Vinho de Sauterne superfino, Id id, Málaga. eu ia. Cognac especialidade, vermute legítimo Frances, Absinthe Suisse etc etc – Preços baratísimos - (*A República*, 1893, n. 23, p. 4).

Esse anúncio foi publicado em diversas edições do jornal no ano de 1893. Percebe-se que Voulet integrava e fazia uso de redes sociais que ainda o ligavam à França, de modo que pudesse impulsionar o seu negócio, ao oferecer serviços e produtos importados diferenciados ao público constituído pelas elites curitibanas. O acesso ao porto de Paranaguá, por meio da estrada de ferro, cuja construção do trecho até Curitiba foi concluída em 1885 pela *Compagnie Génereale des Chemins de Fer Paraná*, de capital francês, facilitava tais conexões, assim como o exercício de funções especializadas exercidas por imigrantes e brasileiros ao longo de seu trecho. Ainda no caso da referida propaganda, percebe-se o destaque dado à comercialização e à origem francesa de produtos importados, uma forma de os qualificar: a cidade francesa de Bordeaux, renomada pela qualidade dos vinhos ali produzidos. As redes sociais e conexões com a França podem ser compreendidas à luz da

teoria das redes migratórias que, segundo Massey (*apud* Truzzi, 2008, p. 203), podem ser definidas como “[...] complexos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não-migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade”.

Observa-se ainda que Voulet já tinha acumulado um capital de mobilidade antes de chegar ao Brasil, por meio de sua migração para a Argentina. Como explicam Márcio de Oliveira & Fernando de Kulaitiv, que buscaram aplicar a Teoria dos Capitais de Bourdieu aos estudos migratórios, o capital de mobilidade,

[...] como qualquer outro capital na teoria de Bourdieu, tem papel preponderante na dinâmica social. Tal qual o capital cultural, trata-se de um conjunto de bens (simbólicos e materiais) que se apresenta sob a forma de conhecimentos migratórios - formalidades administrativas, procedimentos de viagens, línguas e costumes - e documentos (cartas de estadia, passaporte ou contratos de trabalho) adquiridos pelo indivíduo através de experiências próprias ou de indivíduos próximos, oriundos de seu grupo familiar ou étnico (Oliveira & Kulaitis, 2017, p. 42).

Como mencionado, Voulet já havia também trabalhado no transporte ferroviário na Argentina e era ligado a outros conterrâneos empregados na estrada de ferro no Paraná, que traziam produtos importados do porto de Paranaguá a Curitiba. O papel da França e dos franceses no comércio de importados no Brasil foi assim destacado por Nicolau Sevckenko (1999, p. 36): “[...] os navios europeus, principalmente franceses, [...] [traziam] tudo enfim que fosse consumível por uma sociedade altamente urbanizada e sedenta de modelos de prestígio”. Comerciantes com experiência imigratória também serviam como agentes de disseminação de ideários de consumo no espaço urbano brasileiro, como observa Heloísa Cruz (2013, p. 98), para o caso paulista:

Novos temperos, bebidas e outras iguarias importadas denunciam a introdução de hábitos e paladares no cardápio da cidade pelas diversas colônias estrangeiras. Por meio de apelos que enfatizam a exclusividade, distinção e novidade, elegantes estabelecimentos do comércio varejista cultivam a recente sofisticação das elites paulistanas.

Tanto no período imperial quanto na incipiente república, a cultura francesa influenciou profundamente o modo de vida da parcela da população brasileira que tinha acesso a ela. Conforme aponta Ângela Marques da Costa (2000, p. 69-70): “A influência francesa se faz sentir na literatura, na educação, na moda e nas diversões. [...] Os cardápios dos banquetes eram sempre menu, isso para não falar das iguarias, todas em francês.” Os



hábitos franceses, especialmente os parisienses, eram considerados símbolos de prestígio e distinção, desempenhando um papel central na emergente sociedade urbana brasileira.

A consulta a jornais curitibanos mostrou também evidências do desenvolvimento de um associativismo social entre imigrantes franceses na cidade. Por meio do associativismo, eles organizaram atividades de caráter social em entidades que faziam referência à França. Um desses espaços era a *Société Littéraire Gauloise*, sobre a qual encontramos notícia publicada em idioma francês, voltada diretamente aos leitores dessa língua entre os consumidores do jornal:

Sociedade Literária Gauloise.

O Comitê tem a honra de informar aos senhores sócios que, a partir do dia 12 de julho corrente, a sede da Sociedade será transferida; Praça Tiradentes (antiga Casa da Câmara Municipal).

Em nome do Comitê,

o primeiro secretário.

P. Driot. (*A República*, 1895, n. 164, p. 3).⁶

A referida sociedade de leitura passou a ocupar um espaço de destaque no centro da cidade de Curitiba. De forma recorrente, a “comunidade francesa” fazia uso dos periódicos locais para divulgar seus eventos, dirigindo-se a seus membros no idioma pátrio. Tal fato pode evidenciar o desejo de um grupo de franceses residentes na capital em ser percebido como uma comunidade ou, como aparece em conteúdos publicados nos jornais, uma “colônia francesa”. Assim, além da nacionalidade em comum, utilizava-se da língua como marcador de identidade (Poutignat & Streiff-Fenart, 1998).

Segundo Mendonça & Lacerda (2009), as formas de reunião adotadas pela “colônia francesa” em Curitiba ainda são pouco elucidadas. As autoras citam a *Société Littéraire Gauloise* como um exemplo dessas formas de reunião. Todavia, devido à quase total ausência de informações sobre a entidade, acreditam que ela tenha sido uma iniciativa para agregar os franceses radicados na cidade, de maneira análoga ao que ocorreu com outros grupos presentes em Curitiba. Por exemplo, os italianos criaram a Sociedade Garibaldi; os alemães, a Rio Branco e a Concórdia; e os poloneses, a Tadeusz Kościuszko. A notícia mais antiga sobre a *Gauloise* é mencionada por Wilson Martins no livro *Brasil Diferente* (1955), no qual estabelece um paralelo entre a boa administração da Estrada de Ferro Paraná, que gerou

⁶ Original: “Société Littéraire Gauloise Le Comité a l'honneur d'informer M. M. les Sociétaires qu' à partir du 12 Juillet courant le siège de la Société sera transféré; Praça Tiradentes (ancienne Maison de La Chambre Municipale.) Pour le comité Le 1^{er} Secretaire P. DRIOT”.



“belos resultados financeiros”, e a provável boa administração da *Société* (Martins, 1955, p. 116). Localizamos na imprensa a participação da *Société Litteraire Gauloise* nas festividades referentes à data nacional da França, o 14 de julho, no ano de 1895, em Curitiba (*A República*, 1895, n. 130, p. 2).

A instituição mencionada, além de promover a sociabilidade entre os membros da “colônia francesa”, também interagiu com membros das elites não francesas locais. Nessa interação, os membros da *Gauloise* exaltavam valores culturais de seu país de origem. O fascínio e valorização da cultura francesa pelas elites locais levava à adoção de elementos em seu modo de vida, influenciando comportamentos, valores e gostos. Essas sociabilidades eram capitalizadas por parte dos membros da comunidade francesa curitibana, permitindo-lhes conquistar espaços na sociedade acolhedora.

Nesse contexto, percebemos Antonio Voulet como um empreendedor que soube usar a seu favor os “vínculos sociais ‘transnacionais’ com o seu lugar de “origem”, que lhe proporcionou a valorização de um tipo de capital social específico, denominado “recursos étnicos” (Fay & Ruggiero, 2014, p. 11). Voulet dispunha de recursos potenciais, dos quais poderia fazer uso, decorrentes do acesso à uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e interreconhecimento (Bourdieu, 1980 *apud* Nogueira & Cattani, 2001, p. 67). Ao fazer uso do capital econômico e social, enquanto proprietário de espaço de comensalidade e sociabilidades, desempenhava também a função de um agente difusor de elementos culturais franceses na capital paranaense.

Isso pode ser observado tanto em atividades desenvolvidas em seu estabelecimento comercial em Curitiba e, depois, em seu restaurante na estação Serrinha, como em sua participação nas efemérides relativas ao feriado nacional francês de 14 de julho na capital. Na qualidade de presidente da comissão organizadora dos festejos de 1892, ele convoca, em maio de 1893, os membros da “colônia francesa” para participarem da eleição da comissão responsável pela festa daquele ano (*A República*, 1893, n. 105, p. 3).

Dois meses depois, em 18 de julho de 1893, *A Republica* registra a atuação de Voulet como responsável pelo encaminhamento de um requerimento à autoridade competente, no qual solicita autorização para “solemnizar o 14 do corrente com fogos de artifício na Praça Tiradentes”. Na mesma página, ele encabeça a lista dos membros da comissão responsável pelo evento, em nota intitulada “Em nome da Colonia Franceza” da cidade, que agradece “às



pessoas que abrilhantaram para o engrandecimento da festa”.⁷ Aqui se percebe Voulet não só como um membro da denominada comissão e da “colônia francesa” local, mas também como seu representante.

Dois anos depois, na publicação referente à comissão organizadora da *Fête nationale du 14 Juliete* de 1895, são listados outros integrantes da comissão organizadora, escolhidos em assembleia geral da “colônia franceza” (*A República*, 1895, n. 130, p. 2). Entre os membros da referida comissão estava o Presidente, Sr. J. Courau (*A República*, 1895, n. 155, p. 2), o qual desempenhava a função de Diretor da Estrada de Ferro do Paraná; os Vice-presidentes, Sr. E. Marchais (*A República*, 1895, n. 229, p. 2), vice-cônsul da França no Paraná, e Sr. L. Cahen (*A República*, 1896, n. 229, p. 1), denominado “distinto cavalheiro”, em publicação sobre sua despedida; o Tesoureiro, Sr. M. M. Sibut (*A República*, 1895, n. 261, p. 8), presidente da Sociedade *Gauloise*, e os Secretários Sr. G. Pecastaing (*A República*, 1895, n. 62, p. 2), primeiro Secretário da Sociedade *Gauloise* e o Sr. J. Ericot. Aqui se percebe a representatividade da direção da estrada de ferro nas atividades da “colônia francesa” na capital. Vê-se, ainda, que os responsáveis pelas listas de subscrição eram proprietários de estabelecimentos ligados aos setores do comércio e de serviços: Antonio Voulet era proprietário de restaurante; Pierre Faure, um renomado barbeiro; Ernest Chautard, proprietário da Casa Franco Brasileira; Hercules Guiraud, proprietário da Padaria Hércules; Emilio Sigwalt, proprietário de comércio especializado na venda de “gêneros” (Generos, 1901); Philippe Wagner, proprietário de hotel; J. Portalet, proprietário de estabelecimento comercial especializado na venda de “gêneros”. Essa comissão havia se formado a partir das sociabilidades entre proprietários da pequena burguesia local de origem francesa.

Os mencionados membros da diretoria da Sociedade Literária *Gauloise* e do comitê organizador dos festejos do dia 14 de julho podem ser compreendidos como proprietários, conforme a perspectiva de Jürgen Habermas (1984, p. 73), que estudou a transformação da esfera pública na Europa entre o final do século XVIII e o século XIX. Segundo o autor, os proprietários nesse contexto não se viam somente como indivíduos privados, pois buscavam influenciar a esfera pública com base em seus interesses enquanto proprietários. A esfera pública, segundo Habermas (1984, p. 42), pode ser compreendida como um espaço onde

⁷ Camara Municipal requerimentos despachados Dia 9; e Em nome da Colonia Franceza (*A República*, 1893, n. 147, p. 2).



peessoas privadas se reúnem para formar um público. No caso dos comerciantes franceses envolvidos na Sociedade Literária *Gauloise* e nas celebrações do 14 de julho, percebe-se que a sua atuação em posição de liderança era também um meio de afirmação social e influência política.

Um fato que pode ser observado na imprensa consultada é a concentração de estabelecimentos comerciais de proprietários franceses no centro de Curitiba, especialmente na Rua 15 de Novembro, já observada por Roseli Boschilia (1996, p. 68). Segundo a autora, esta rua abrigava o comércio mais sofisticado, tornando-se, a partir de 1910, “a rua preferida pela elite curitibana”. A presença de lojas requintadas, como cafés, charutarias, confeitarias e restaurantes, conferia à rua um ar de sofisticação característico de grandes centros urbanos. Ainda segundo a autora, o francês Hercules Guiraud foi o primeiro proprietário de confeitaria situada nessa rua, a Confeitaria Hércules, inaugurada no início da década de 1880, onde permaneceu até o final da década de 1910.

Em 1895, o mesmo Sr. Guiraud, em sociedade com o Sr. Paquet, inaugurou outro estabelecimento da mesma natureza, a Confeitaria Paranaense, na Praça Tiradentes, nº 43. De acordo com um anúncio, nesse espaço o público poderia encontrar produtos de confeitaria, secos e molhados, além do “esplêndido sortimento de gêneros nacionais e estrangeiros” a preços módicos (*A República*, 1895, n. 145, p. 2). Diferentemente dos bares e cafés, que eram espaços de sociabilidade típicos de adultos do sexo masculino, as confeitarias eram frequentadas por grupos familiares e por pessoas de ambos os sexos, que as utilizavam como pontos de encontro.

Outro comerciante francês, Luis Ernest Chautard, no dia da Independência do Brasil, 7 de setembro de 1893, deu início às atividades da Casa Franco Brasileira, localizada também na Rua 15 de Novembro, no número 29. No anúncio referente à inauguração, verifica-se que além da oferta de café e chocolate, eram comercializadas bebidas oriundas da Europa: vinhos Bordeaux, Porto, Champagne, Vermute e Cognac Superior. Ainda se anunciava que, no futuro próximo, haveria também a disponibilidade de “[...] um rico sortimento de fumos, charutos e artigos para fumantes em tudo o que há de mais Chic e de gosto”, todos provenientes do Rio de Janeiro (*A República*, 1893, n. 190, p. 4).

Esses produtos importados e comercializados pelos referidos estabelecimentos comerciais podem ser percebidos como bens simbólicos, não apenas como bens materiais.

Como explica Cesaltina Abreu (2015, p. 848), para Pierre Bourdieu os bens simbólicos se distinguem dos bens materiais na medida em que só podem ser apropriados por indivíduos que possuem um sistema de apreciação ou códigos para a sua interpretação e valorização. Conforme essa perspectiva, o consumo desses bens simbólicos caracterizava um determinado estilo de vida. Assim, o consumo dos produtos e serviços ofertados pelos anúncios citados acima era um mecanismo de distinção social entre os indivíduos que os consumiam.

O restaurante de Voulet foi um desses espaços de consumo, onde os frequentadores também podiam ter contato com novidades tecnológicas caracterizadas como bens simbólicos da modernidade, como se percebe em anúncio no qual um fonógrafo é utilizado como estratégia publicitária para convidar os leitores a visitar o ambiente:

Phonographo

Tivemos o prazer de apreciar hontem o maravilhoso invento de Edison, que nos tez ouvir varios trechos de discursos de oradores celebres, e a voz de muitas cantoras. O sr. Horacio Fagundes dos Reis, proprietario do aparelho em questão, espera que a população curitybana faça um passeio até ao Restaurant Voulet, onde está franco ao publico o Phonographo, e garante que aquelles que assim procederem, não perderão o seu tempo.

Por nossa parte, recommendamos aos nossos leitores uma visita ao notavel invento do engenhoso americano Edison, pois terão alguns momentos de agradável extasis (*A República*, 1893, n. 174, p. 2).

Além dos produtos importados, o estabelecimento oferecia itens de origem regional: “Brevemente vender-se-ha no Restaurant Voulet o magnífico leite da chácara do Cunha [...]” (*A República*, 1893, n. 178, p. 3). A oferta desse produto sugere que se tratava de um item diferenciado fornecido por produtor da cidade.

A relevância atribuída ao restaurante pode ser observada também em notícias como esta: “Principio de Incendio. Hontem, às 11 horas da manhan, na chaminé do restaurant Voulet deu-se um principio de incendio o qual foi logo apagado, nada havendo de maior” (*A República*, 1893, n. 208, p. 2). Isso seria de interesse de um público especial, letrado, composto pelos frequentadores do restaurante. Devido ao público que compunha a freguesia, esse também era um local de venda do jornal *A República*, que assim aparece associado à tendência política do proprietário:

A REPÚBLICA

Expuzemos à venda, desde hontem, a nossa folha no conhecido e acreditado Café Internacional, propriedade do sr. Antonio Voulet.

Assim fizemos porque, achando-se fechado o nosso escriptorio nos domingos e dias feriados, e sendo e Café Internacional lugar de grande concurrencia, os leitores encontrarão facilmente allí numeros desses dias.

Aproveitamos o ensejo para dizer que A Republica tem tido ultimamente grande procura, esgotando-se os numeros quasi diariamente por ser grande a venda avulsa (*A República*, 1893, n. 234, p. 2).

Esse texto demonstra a ligação política de Antonio Voulet com o círculo republicano da capital e como seu restaurante contribuía para divulgar o jornal. Em seu estabelecimento comercial ocorriam interações sociais e políticas e, se debatiam temas públicos.

No período analisado por Habermas, a imprensa europeia e os clubes literários desempenhavam um papel fundamental na mediação entre o setor privado e a esfera pública política. Esses espaços foram apropriados pela burguesia para promover seus ideais e interesses. A esfera pública burguesa se baseava na ideia de que os indivíduos reunidos em público desempenhavam simultaneamente o papel de empresários e cidadãos, criando uma identidade fictícia que unia seus interesses econômicos e políticos (Habermas, 1984, p. 73-74). No contexto curitibano, o restaurante de Voulet pode ser visto como um ambiente que tinha um papel nessa dinâmica, funcionando como ponto de encontro das elites republicanas e espaço para articulações políticas.

No ano de 1895 foi anunciada a mudança de endereço do restaurante de Voulet, que passou a ocupar outro prédio na mesma rua XV de novembro e a ter nova denominação:

RESTAURANTE VOULET

O proprietario deste conceituado Restaurant, situado à rua 15 de Novembro, n 39, participa aos seus muitos freguezes e à população paranaense, que tendo terminado o seu contrato com o proprietario da casa em que tem o seu Restaurant, e não tendo conseguido fazer novo contracto, em vista de o proprietario precisar do edificio para estabelecer casa de negocio, é obrigado a mudar o seu estabelecimento para o n. 92, da mesma rua, em frente ao CLUB DOS GIRONDINOS, n'um edificio apropriado para assentar um Restaurant de primeira ordem.

Assim é que por estes dias o proprietario do RESTAURANTE VOULET está preparando o novo edificio com salas proprias e elegantes reservadas para familias, mesas redondas e separada para frequezes, tudo fazendo com muito luxo e aceio, de maneira a dar à população paranaense um estabelecimento condigno com uma sociedade adiantada como esta.

Faz esta prevenção ao publico, para que preparem-se todos para mudar o seu caminho muito breve, porquanto, por estes dias o RESTAURANT VOULET terá outro edificio, muito mais confortavel, aceiado e de primeira ordem, como os estabelecimentos congeneres das grandes capitaes. Logo que se mude, avisará ao respeitavel publico (*A República*, 1895, n. 53, p. 3).

A alteração na denominação do estabelecimento, de *Restaurant International* para Restaurante Voulet, associando-o desta forma diretamente ao proprietário, provavelmente representava mais a formalização de uma denominação já reconhecida e utilizada na prática, como atesta a notícia do princípio de incêndio citada anteriormente.

Na nota, elementos de distinção são apresentados ao se tratar das instalações do novo prédio, representado como um “espaço condigno com uma sociedade adiantada” como a curitibana. O restaurante ficaria posicionado em frente ao *Club dos Girondinos*. De acordo com Mendonça & Lacerda (2009), o *Club dos Girondinos* era um espaço de reunião da “comunidade francesa”, que também esteve representada nas atividades referentes ao 14 de julho de 1895. Localizado na esquina da rua 15 de Novembro com a rua Dr. Muricy, o clube foi criado e instalado em 28 de setembro de 1889, por ocasião das comemorações do Centenário da Revolução Francesa, por iniciativa de um grupo de políticos liberais envolvidos no movimento de propagação republicana. Esse clube teria permanecido em atividade durante cinco anos (Mendonça & Lacerda, 2009, p. 117). Portanto, o *Club Girondino* era um espaço de sociabilidade política dos franceses.

A nota abaixo, publicada também em março de 1895, destaca Voulet e seu restaurante como um estabelecimento inovador e distinto, de “apurado bom gosto”:

Restaurante Voulet

Tivemos hontem o prazer de visitar este novo estabelecimento do conhecido e popular sr. Antonio Voulet. Percorremos o novo restaurant, observando nitidamente a compostura da cosinha e das mezas, bem como as salas reservadas, tudo bem collocado e feito com aceio e apurado gosto. É incontestavelmente o primeiro deste estabelecimento do genero, que se tem montado neste Estado (*A República*, 1895, n. 66, p. 1).

Em outra notícia, publicada em junho de 1896, é notória a ligação entre membros do Partido Republicano e o restaurante Voulet, responsável pela preparação de um banquete:

O banquete de 11 de Junho

[...] Foi essa uma festa digna do ilustre chefe republicano e do grande partido á cuja frente elle se acha como o arauto de todas as suas aspirações.

Manda a justiça que felicitemos ao operoso cidadão Antonio Voulet pelo esplendido jantar que apresentou, e que colloca o seu estabelecimento no numero dos mais aptos para satisfazer as maiores exigencias (*A República*, 1896, n. 134, p. 1).

E, novamente, o texto publica o menu servido, todo ele na língua francesa. O uso da língua francesa e o realce da origem francesa do proprietário do restaurante reforçam a ideia de refinamento daquele banquete. Esses e outros elementos apresentados no artigo demonstram como imigrantes franceses dedicados à gastronomia possuíam, de saída, um capital superior ao de outros imigrantes ou de nacionais dedicados ao ramo, por conta da ideia de refinamento associada à gastronomia francesa, valorizada pelas elites no Brasil.



Observa-se que as publicações referentes a Voulet e a seu restaurante são sempre realizadas no jornal *A República*, que era, oficialmente, órgão desse partido. Além dessa ligação com o Partido Republicano, Voulet aparece associado à Estrada de Ferro do Paraná. Um fato ainda pouco explorado pela historiografia é a relação entre imigrantes franceses no estado do Paraná e a *Compagnie Générale des Chemins de Fer Brésiliens*, à qual foi concedida a concessão da construção e exploração de estradas de ferro no estado (Oliveira, 2024). De acordo com Finger (2013), foi no estado do Paraná onde ocorreram os primeiros investimentos estrangeiros não britânicos na construção de ferrovias no Brasil. A autora explica que em 1879 a *Compagnie Générale des Chemins de Fer Brésiliens*, empresa de capital francês, adquiriu os direitos para a construção da Estrada de Ferro Paranaguá – Curitiba, contratando a belga *Société Anonyme de Travaux Dyle et Bacalan* para a execução dos trabalhos (Finger, 2013, p. 84). A companhia construiu o Ramal de Morretes a Antonina em 1892 e prolongou a linha-tronco até Ponta Grossa entre 1891 e 1894, num total de 183 quilômetros. Conforme Leonel Brizolla Monastirsky (2001, p. 39), parte dos trabalhadores que participavam da implantação dos trilhos dessa companhia foram imigrantes que se estabeleceram ao longo das linhas.

Com a concessão feita a uma empresa franco-belga, promoveu-se uma ligação com imigrantes franceses presentes no estado do Paraná, como foi notado e registrado pelo viajante Pierre Denis, um jovem aristocrata francês, durante sua passagem pelo estado em 1907: “Quando uma companhia franceza empreendeu a construção da primeira via ferrea do Paraná, e organizou o seu serviço, os francezes que se encontravam no estado aggruparam-se em volta d'ella, como em volta d'uma poderosa protectora. Em mais d'uma estação se ouve ainda falar francez [...]” (*Paraná Moderno*, 1910, n. 1, p. 2).

Diversos franceses e descendentes fizeram parte dos quadros da Estrada de Ferro do Paraná. Em algumas localidades, nas proximidades de estações ferroviárias, eles fixaram moradia ou mesmo estabeleceram e desenvolveram atividades comerciais e de prestação de serviços, como hotéis-restaurantes (Oliveira, 2024). Foi o caso de Barthelemy Cassou, um padeiro que migrou para o Brasil a fim de desempenhar essa função em proveito da empresa *Compagnie Générale de Chemins de Fer Brésiliens*, o qual fundou um restaurante numa das estações localizada no prolongamento da estrada de ferro:

AVISO

Restaurant da Restinga Secca

Barthelemy Cassou

De 1º de janeiro em diante neste restaurant os srs. passageiros encontrarão bons cômodos e bons tratamentos – PREÇOS - Almoço 2 500 - Cama 2.000 - Jantar 2 500. Vinhos e outras bebidas pagos separadamente (*A República*, 1898, n. 3, p. 8).

A linha unindo Curitiba a Ponta Grossa teve o seu primeiro trecho aberto em 1891, chegando a Ponta Grossa em 1894. Mais ou menos na metade do caminho ficava a estação Serrinha, na margem direita do rio Iguaçu, que dava saída ao ramal de Rio Negro, que seguia para o sul, enquanto a linha de Ponta Grossa seguia para o noroeste. Tratava-se de um dos pontos estratégicos dessa linha férrea. Na estação Serrinha, inaugurada em 1891, também foi instalado um hotel-restaurante, de propriedade de um brasileiro, como demonstra o anúncio do jornal *A República* abaixo. Este restaurante foi vendido, posteriormente, a Antoine Voulet:

Restaurant da Serrinha

Chamamos a atenção dos leitores para o anuncio que hoje faz pela nossa folha o Sr. Joaquim Silva, proprietario do restaurante estabelecido na estação da Serrinha, da estrada de ferro do interior. É um estabelecimento montado a capricho, onde os viajantes encontrarão todas as commodidades, a par de preços assás rasoaveis (*A República*, 1895, n. 97, p. 1).

Noutro anúncio, de maio de 1896, são apresentados os produtos e serviços oferecidos:

RESTAURANT HOTEL DA SERRINHA

O proprietario deste util estabelecimento tem sempre á chegada dos trens naquella estação, almoços, jantares, um sortimento de cerveja de todas as marcas, charutos de acreditadas, cigarros, vinho, fernet, laranginha, vermouthe, canninha de 22º, em fim só vendo, porque contando ninguem acredita. O trem de Ponta Grossa que sóbe demora 20 minutos da Lapa e Rio Negro 25 minutos. Preços: ALMOÇO 2\$000; JANTAR 2\$000; DIÁRIA 6\$000. Vinho é separado. Os passageiros de bom gosto que não querem andar carregando linguiça nem salciche devem ir comer quietinhos na Serrinha (*A República*, 1896, n. 109, p. 4).

É notório se anunciar que esse estabelecimento comercial estava voltado a um público distinto, a “passageiros de bom gosto”, expressão que carrega um significado que vai além de uma mera apreciação estética ou preferência subjetiva; ela expressa um elemento importante do capital cultural, conforme desenvolvido por Pierre Bourdieu (2001). Na perspectiva do sociólogo, o capital cultural compreende o conjunto de conhecimentos, habilidades e práticas valorizadas dentro de determinados contextos sociais, frequentemente associadas às classes dominantes ou àqueles que aspiram a uma posição de destaque na hierarquia social. A expressão “bom gosto”, portanto, não é neutra, pois opera como um marcador simbólico que distingue os que possuem acesso a formas culturalmente valorizadas de apreciação daqueles



que não as dominam (Bourdieu, 2008). Direcionar serviços ou produtos a “passageiros de bom gosto” implicava atender a clientes que não apenas reconheciam, mas também eram reconhecidos por seu capital cultural e social. Eles demonstravam, por meio de suas escolhas e comportamentos, um domínio das normas e valores estéticos considerados superiores em seu tempo e espaço.

Ainda em 1896, no mês de outubro, ocorreu a mudança de titularidade desse restaurante e hotel, quando o Sr. Joaquim Silva anunciou o arrendamento do Restaurante da Serrinha a Antonio Voulet por um período de dois anos (*A República*, 1896, n. 232, p. 2). Na edição seguinte do jornal, Voulet declarou a compra do estabelecimento (*A República*, 1896, n. 233, p. 2).

Por intermédio de tais notícias poder-se-ia inferir que Voulet expandia seus negócios para além da capital do estado, acompanhando a ferrovia e alcançando o interior. Porém, o real intuito de Voulet naquele momento é revelado nas publicações que se dão no ano vindouro. Ele não estava realizando uma expansão dos negócios, mas sim uma mudança de sede.

Em abril de 1897, *A Republica* publica o anúncio de uma “Grande liquidação nos dias 5, 6 e 7 de abril no Restaurant, rua 15 de novembro, 92, Voulet, as 11 horas da manhã haverá um grande Leilão” (*A República*, 1897, n. 74, p. 3). No corpo do anúncio é listada uma diversidade de bebidas, doces finos, utensílios de copa e cozinha, camas, relógios, quadros, entre outros itens. O ato seria conduzido pelo Leiloeiro Cassiano. Esse anúncio marca o fim do Restaurant Voulet na capital.

Uma nota datada de 24 de maio de 1897 (*A República*, 1897, n. 110, p. 3), referente ao alistamento eleitoral, comunica aos interessados que Antonio Voulet teve o seu registro eleitoral excluído da comarca da capital e transferido para a comarca da Serrinha. Assim, ele se estabeleceu definitivamente no interior do estado e se confirma, como era de se supor, que em algum momento ele havia se naturalizado.

Em seu novo estabelecimento, Voulet continua a manter ligações com personalidades de relevo na sociedade da época, como demonstra a notícia de primeira página abaixo, do final de 1904, que trata da chegada da comitiva do então Presidente do Estado ao restaurante, quando realizava uma viagem por via férrea para o interior do Paraná:

[...] Mas, íamos a rodar por alli em demanda do local indicado para a primeira refeição da comitiva.

Era a estação da Serrinha, no Restaurant Voulet.

A's 11 1/2 lá chegamos com os estomagos confrangidos por falta de elaboração digestiva.

Ao sentirmos o odor das grelhas do sr. Voulet, diante do espectáculo emocionante de tanta e tão bem condimentada vianda, os paladares estertoravam n'um como *bruaah* surdo de tempestade que desencadeasse sobre os convidativos *rotis*.

O desembargador Bemvindo sorriu para aquella *debacle* de irrationaes assados com uma descompaixão estranguladora do Shylock F de Schakspeare [sic], e o dr. Cerqueira, ao vel-os assim n'aquella provocação fumegante, paraphraseou logo o celebrado epicedio de Rouget : *Aux armes citoyens*.

Estavamos, pois, diante do enormíssimo cardápio do Sr Voulet: *mouton en graisse, volailles à la bresilienne, beeff on beurre, riz americain, pomme anglaise, vins, bière, café*.

O Exm. Dr. Presidente do Estado tomou a cabeceira da mesa, ao longo da qual a comitiva acomodou-se, muito entregue á sua disposição manducativa. O illustre Chefe do executivo estadual não negava o assentimento de seu sorriso ás pilherias que esfusiavam durante a amistosa refeição, estimulando com o leve tom ironico da sua delicada *causerie* o jubilo que dominava os corações presentes. [...] (*A República*, 1904, n. 279, p. 1).

O texto, em seu conjunto, demonstra um ambiente amistoso entre os presentes. A satisfação geral relatada no trecho denota estarem aquelas pessoas em um espaço que lhes acolhia e lhes era prazeroso, no qual podiam degustar dos produtos e das habilidades gastronômicas do “Sr. Voulet”.

Por meio dos jornais pesquisados não foi possível saber até quando Voulet administrou o Restaurante da Serrinha. Lacerda Neto (2024) afirma que no ano de 1914 o Restaurante da Serrinha, em nome de João Tessarolo & Cia, era então mantido por João Maria Tessarolo.

O nome de Antonio Voulet ainda aparece em anúncio do jornal *O Dia* de 1925, mas relativo a outra ocupação: “VENDE-SE. Mudas de morango de muito boa qualidade, de fructos grandes e saborosos por 8\$ 100 mudas e 60\$000 o milheiro na Chácara do Sr. Antonio Voulet, Estação de Serrinha, Estado do Paraná” (*O Dia*, 1925, n. 568, p. 5). A publicação desta atividade agrícola desenvolvida por Voulet e uma explicação para a sua motivação pode ser encontrada em artigo assinado por Leôncio Correa, o qual narra uma viagem pela via férrea da cidade de Curitiba a Prudentópolis: “[...] E a Serrinha onde os trens se bifurcam, e onde o velho Voulet, cansado de fornecer iguarias cosidas, em seu restaurant, vendia frutas colhidas em sua propriedade (*O Dia*, 1930, n. 2454, p. 1).⁸

⁸ A viagem deve ter ocorrido no ano anterior ou ainda antes, pois Voulet faleceu em 1929.



Antonio Voulet faleceu em Araucária, aos 73 anos, no dia 31 de maio de 1929 (*A Tarde*, 1929, n. 2256, p. 4).

Considerações finais

Este artigo apresentou aspectos da atuação de uma pequena burguesia comercial francesa ligada ao ramo da hotelaria e gastronomia em Curitiba e em estações da Estrada de Ferro do Paraná durante o final do século XIX e início do século XX, seguindo, principalmente, aparições públicas de Antonio Voulet, imigrante e proprietário de restaurante e pensão, na imprensa da capital. Por meio da interpretação de notícias e anúncios em jornais, foi possível reconstituir dinâmicas sociais, econômicas, políticas e culturais que envolveram a sua vida. Para tanto, a utilização de fontes jornalísticas provou-se essencial. Periódicos como *A República*, *O Dia* e *Paraná Moderno* não apenas trouxeram vestígios sobre a atuação desse imigrante e comerciante francês, mas também permitiram entender, em meio aos vieses editoriais e representações sociais da época, o desenvolvimento de uma cultura gastronômica de origem francesa na capital e no interior, acompanhando a linha do trem da Estrada de Ferro do Paraná.

O sistema de busca da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional facilitou e permitiu ampliar o acesso a nomes de imigrantes franceses e seus estabelecimentos comerciais, mostrar espaços e redes de sociabilidades entre eles e com outros residentes, assim como investigar a inserção econômica e social de imigrantes franceses atuantes no ramo do comércio em contextos urbanos e rurais.

A imprensa mostrou-se fonte privilegiada para acessar notícias e anúncios que dão pistas sobre espaços, serviços e produtos de distinção social ligados à atuação de comerciantes franceses em Curitiba e interior do estado, tais como Antonio Voulet. A pesquisa possibilitou identificar espaços de sociabilidades integrantes da esfera pública francesa em Curitiba, como a Sociedade Literária *Gauloise* e o Clube dos Girondinos; evidenciar a estreita relação entre aquele proprietário da esfera privada de Curitiba com a esfera pública literária (clube e imprensa) e a esfera pública política (em torno do Partido Republicano). Notícias e anúncios do restaurante de Voulet delineavam o perfil dos consumidores e expectativas em relação ao seu estabelecimento.



O estudo explorou aspectos de uma imigração urbana envolvendo imigrantes e comerciantes oriundos da França na capital do Paraná, explorando o ramo da gastronomia e da hotelaria e, também, o lugar desses imigrantes na estruturação desses ramos no interior do estado, ao longo das estações da Estrada de Ferro do Paraná.

A trajetória pública de Antonio Voulet, em parte reconstituída por meio de suas aparições na esfera pública, evidencia uma integração econômica, política e social no contexto do país da imigração, facilitada pela sua especialidade profissional e beneficiada pelos laços transnacionais, pelas redes de sociabilidades e pelo acúmulo/convertibilidade de capitais ao longo de suas experiências migratórias. O artigo ainda trouxe indícios de como a associação entre a sua origem francesa, a sua especialidade em gastronomia e a ideia de refinamento ligada à cultura francesa, valorizada pelas elites sociais à época, deram a Voulet um capital social considerável para se destacar no ramo da gastronomia e hotelaria.

Fontes

A República. **Abriu-se o Restaurante Internacional**. Curitiba, 5 de março de 1892, n. 628, p. 3. [[Link](#)]. Acesso em: 19 fev. 2023.

A República. **Conde Rozwadowski**. Curitiba, n. 770, 25 de setembro de 1892, p. 2. Disponível em: [[Link](#)]. Acesso em: 19 fev. 2023.

A República. **Vinho superior de Bordeaux**. Curitiba, n. 23, 31 de janeiro de 1893, p. 4. Disponível em: [[Link](#)]. Acesso em 19 fev. 2023.

A República. **Restaurant Voulet**. Curitiba, n. 66, 21 de março de 1895, p. 1. Disponível em: [[Link](#)]. Acesso em: 07 fev. 2023.

A República. **Fête nationale du 14 Juliete 1893**. Curitiba, n. 105, 23 de maio de 1893, p. 3. Disponível em: [[Link](#)]. Acesso em: 25 nov. 2024.

A República. **Em nome da colonia franceza**. Curitiba, n. 147, 18 de julho de 1893, p. 2. Disponível em: [[Link](#)]. Acesso em: 25 nov. 2024.

A República. **Phonographo**. Curitiba, n. 174, 18 de agosto de 1893, p. 2. Disponível em: [[Link](#)]. Acesso em: 07 fev. 2023.

A República. **Leite**. Curitiba, n. 178, 23 de agosto de 1893, p. 3. Disponível em: [[Link](#)]. Acesso em: 07 fev. 2023.

A República. **Casa Franco Brasileira**. Curitiba, n. 190, 7 de setembro de 1893, p. 4.



Disponível em: [\[Link\]](#). Acesso em: 07 fev. 2023.

A República. **Princípio de incêndio**. Curitiba, n. 208, 29 de setembro de 1893, p. 2. Disponível em: [\[Link\]](#). Acesso em: 19 fev. 2023.

A República. **A República**. Curitiba, n. 234, 31 de outubro de 1893, p. 1. Disponível em: [\[Link\]](#). Acesso em: 19 fev. 2023.

A República. **Restaurant Voulet**. Curitiba, n. 53, 5 de março de 1895, p. 3. Disponível em: [\[Link\]](#). Acesso em: 07 fev. 2023.

A República. **Société Litteraire Gauloise**. Curitiba, n. 62, 15 de março de 1895, p. 2. Disponível em: [\[Link\]](#). Acesso em: 25 nov. 2024.

A República. **Restaurant da Serrinha**. Curitiba, n. 97, 27 de abril de 1895, p. 1. Disponível em: [\[Link\]](#). Acesso em: 07 fev. 2023.

A República. **Fête Nationale du 14 Juillet 1895**. Curitiba, n. 130, 6 de junho de 1895, p. 2. Disponível em: [\[Link\]](#). Acesso em: 07 fev. 2023.

A República. **Fête Nationale du 14 Juillet 1895**. Curitiba, n. 130, 26 de junho de 1895, p. 2. Disponível em: [\[Link\]](#). Acesso em: 25 nov. 2024.

A República. **Atenção Confeitaria Paranaense**. Curitiba, n. 145, 23 de junho de 1895, p. 2. Disponível em: [\[Link\]](#). Acesso em: 07 fev. 2023.

A República. **Parte Oficial Dia 27**. Curitiba, n. 155, 6 de julho de 1895, p. 2. Disponível em: [\[Link\]](#). Acesso em: 25 nov. 2024.

A República. **Société Litteraire Gauloise**. Curitiba, ano 10, n. 164, 17 de julho de 1895, p. 3. Disponível em: [\[Link\]](#). Acesso em: 25 nov. 2024.

A República. **Visita**. Curitiba, n. 229, 2 de outubro de 1895, p. 2. Disponível em: [\[Link\]](#). Acesso em: 25 nov. 2024.

A República. **Société Litteraire Gauloise**. Curitiba, n. 261, 9 de novembro de 1895, p. 8. Disponível em: [\[Link\]](#). Acesso em: 25 nov. 2024.

A República. **O banquete de 11 de Junho**. Curitiba, n. 134, 14 de junho de 1896, p. 1. Disponível em: [\[Link\]](#). Acesso em: 07 fev. 2023.

A República. **Despedida**. Curitiba, n. 229, 29 de abril de 1896, p. 1. Disponível em: [\[Link\]](#). Acesso em: 25 nov. 2024.

A República. **Restaurant e Hotel da Serrinha**. Curitiba, n. 109, 10 de maio de 1896, p. 4. Disponível em: [\[Link\]](#). Acesso em: 07 fev. 2023.



A República. **Restaurante Da Serrinha**. Curitiba, n. 232, 14 de outubro de 1896, p. 2. Disponível em: [[Link](#)]. Acesso em: 07 fev. 2023.

A República. **Restaurant da Serrinha, arrendamento**. Curitiba, n. 233, 15 de outubro de 1896, p. 2. Disponível em: [[Link](#)]. Acesso em: 06 fev. 2023.

A República. **Grande Liquidação**. Curitiba, n. 74, 4 de abril de 1897, p. 3. Disponível em: [[Link](#)]. Acesso em: 10 dez. 2024.

A República. **Alistamento eleitoral**. Curitiba, n. 110, 24 de maio de 1897, p. 3. Disponível em: [[Link](#)]. Acesso em: 10 dez. 2024.

A República. **Aviso**. Curitiba, n. 03, 05 de janeiro de 1898, p. 8. Disponível em: [[Link](#)]. Acesso em: 07 fev. 2023.

A República. **Viagem Presidencial**. Curitiba, n. 279, 1 de dezembro de 1904, p. 1. Disponível em: [[Link](#)]. Acesso em: 10 dez. 2024.

A Tarde. **Falecimento de Antonio Voulet**. Curitiba, n. 2256, 4 de jun. de 1929, p. 4. Disponível em: [[Link](#)]. Acesso em: 24 dez. 2024.

Generos. **Almanach do Paraná: Comercio, Historia e Literatura (PR)**, Curitiba, ano 1901, n. 4, p. 138.

O Dia. **Vende-se**. Curitiba, n. 568, 13 de maio de 1925, p. 5. Disponível em: [[Link](#)]. Acesso em: 27 dez. 2024.

O Dia. **De Curytiba a Prudentópolis**. Curitiba, n. 2454, 24 de janeiro de 1930, p. 1. Disponível em: [[Link](#)]. Acesso em: 27 dez. 2024.

Paraná Moderno. **Editorial**. Curitiba. Ano 1, n. 1, 27 de novembro de 1910, p. 1.

Paraná Moderno. **Colonização no Paraná**. Curitiba, n. 1, 27 de novembro de 1910. p. 2. Disponível em: [[Link](#)]. Acesso em: 28 fev. 2023.

Voulet, Bertrand Antoine, [AD84 R 1142] - Avignon (Vaucluse, França) - **Registros militares | 1877 – 1877 Número de ficheiro: AD84 R 1142 Matricules nº1 à 1690 - Classe de 1876 Document conservé aux Archives départementales du Vaucluse**. Disponível em: [[Link](#)]. Acesso em: 10 out. 2024.

Referências

Abreu, Cesaltina. A lógica da distinção em Pierre Bourdieu, vista através de uma obra excepcional. **Mulemba**, v. 5, n. 10, p. 841-864, 2015.



Boschilia, Roseli. A Rua 15 e o comércio no início do século. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**, v. 23, n. 113, 1996.

Bourdieu, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Trad. Daniela Kern & Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

Bourdieu, Pierre. O capital social: notas provisórias. *In*: Nogueira, Maria Alice & Catani, Afrânio. (orgs.) **Escritos de Educação**. 3ª Ed. - Petrópolis: Vozes, 2001. p. 67-69.

Nogueira, Maria Alice & Catani, Afrânio (Orgs.) **Escritos de Educação**. 3ª Ed. - Petrópolis: Vozes, 2001.

Costa, Ângela Marques da. **1890-1914: no tempo das certezas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Chalhoub, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Chimentão, Bárbara Letícia. **Imigrantes franceses no Paraná**. O caso da Colônia Argelina (1868-1890). Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2018.

Cruz, Heloísa. A cidade do reclame. Propaganda e periodismo em São Paulo, 1890-1915. **Projeto História**, n. 13, p. 81-92, 1996.

Cruz, Heloísa de Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana, 1890-1915**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

Fay, Cláudia M. & Ruggiero, Antonio de. Apresentação. *In*: _____ (Org.) **Imigrantes empreendedores na história do Brasil: estudos de casos**. Porto Alegre: Edipucrs, 2014. p. 9-13.

Finger, Anna Eliza. **Um Século de Estradas de Ferro: Arquiteturas das ferrovias no Brasil entre 1852 e 1957**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

Gillies, Ana Maria Rufino. Franceses nos acervos e na historiografia paranaenses (estudos preliminares) *In*: Schneider, Claércio I.; Antunes, Jair & Oliveira, Oséias de (Org.) **Educação e movimentos populacionais: questões e debates**. Curitiba: CRV, 2014. p. 89-99.

Ginzburg, Carlo & Poni, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico *In*: Ginzburg, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p.169-78.



Habermas, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública:** investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Trad. Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

Lacerda Neto, Arthur Virmond de. **Origens e vida de Luiz Luciano Paquet.** Curitiba: Ed. do Autor, 2024.

Luca, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In:* Pinsky, Carla Bassanezi (Org.) **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

Luca, Tania Regina de & Vidal, Laurent (Org.) **Franceses no Brasil:** séculos XIX e XX. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 2009.

Martins, Romário. **História do Paraná.** Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

Martins, W. **Um Brasil diferente:** ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná. 2. Ed. São Paulo: T. A. Queiroz (Coleção Coroa Vermelha. Estudos Brasileiros; v. 16), 1989.

Mendonça, Maí Nascimento & Lacerda, Maria Thereza Brito de. **Os franceses no Paraná.** Curitiba: Aliança Francesa, 2009.

Monastirky, Leonel Brizolla. A mitificação da ferrovia em Ponta Grossa. *In:* Ditzel, Carmencita de Holleben Mello & Sahr, Cicilian Luiza Löwen (Orgs.) **Espaço e cultura:** Ponta Grossa e os Campos Gerais. Ponta Grossa: Editora UEG, 2001. p. 37-51.

Nasser, José Monir. Apresentação *In:* Mendonça, Maí Nascimento & Lacerda, Maria Thereza Brito de. **Os franceses no Paraná.** Curitiba: Aliança Francesa, 2009.

Oliveira, Antonio Roberto de. **Casa da Vó Marica:** lugar de memória(s) e sociabilidades entre descendentes de imigrantes franceses no Paraná. Dissertação (Mestrado em História). Irati: Universidade Estadual do Centro-Oeste, 2024.

Oliveira, Márcio de & Kulaitis, Fernando. Habitus Imigrante e Capital de Mobilidade: a Teoria de Pierre Bourdieu aplicada aos Estudos Migratórios. **Mediações**, v. 22, n. 1, p. 15-47, 2017.

Pilotto, Oswaldo. **Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1954).** Curitiba: IHGEP, 1976.

Poutignat, Philippe & Streiff-Fenart, Jocelyne. **Teorias da etnicidade.** Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

Sevcenko, Nicolau. **Literatura como missão:** tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.



*A atuação do imigrante e comerciante francês Antonio Voulet no Paraná:
empreendedorismo imigrante, redes de sociabilidades e convertibilidade de capitais*
Antonio Roberto de Oliveira & Méri Frotscher

Truzzi, Oswaldo & Sacomano Neto, Mario. Redes, migrações e economia étnica na experiência paulista. *In*: Fay, Cláudia M. & Ruggiero, Antonio de (Org.) **Imigrantes empreendedores na história do Brasil**: estudos de casos. Porto Alegre: Edipucrs, 2014. p. 43-51.

Truzzi, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, v. 20, n. 1, p. 199–218, 2008.

Zicman, Renée Barata. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. **Projeto História**, n. 4, p. 89-102, 1985.

Submetido em: 30 de dezembro de 2024

Avaliado em: 19 de fevereiro de 2025

Aceito em: 01 de abril de 2025